

MUSEU REGIONAL CASA DOS OTTONI



Museu Regional Casa dos Ottoni

ibram
instituto brasileiro de museus

ANA CLÁUDIA CASEIRO DE OLIVEIRA
CARLOS ABERTO DA SILVA XAVIER
ROSALINA NEVES DE ASSIS
DIEGO MORTIMER RODRIGUES

MUSEU REGIONAL CASA DOS OTTONI

COLEÇÃO MUSEUS DO IBRAM

BRÁSILIA
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS
2018

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Cultura

Sérgio Sá Leitão

Presidente Substituto do Instituto Brasileiro de Museus

Marcos José Mantoan

Diretora do Departamento de Processos Museais

Renata Bittencourt

Diretora do Departamento de Difusão, Fomento e Economia de Museus

Eneida Braga Rocha de Lemos

Diretor do Departamento de Planejamento e Gestão Interna

Dênio Menezes da Silva

Coordenador Geral de Sistemas de Informação Museal

Alexandre Cesar Avelino Feitosa

Procuradora-Chefe

Eliana Alves de Almeida Sartori

MUSEU REGIONAL CASA DOS OTTONI



Museu Regional Casa dos Ottoni



Coleção Museus do IBRAM

Projeto Editorial

Cláudia Storino e Mário Chagas

Redação e Pesquisa Iconográfica

Ana Cláudia Caseiro de Oliveira, Carlos Alberto da Silva Xavier, Rosalina Neves de Assis, Diego Mortimer Rodrigues

Projeto Gráfico

Casa 8

Diagramação

Sabrina Mendes de Oliveira Castro

Diretor do MRCO

Carlos Alberto da Silva Xavier

Equipe técnica do MRCO

Ana Cláudia Caseiro de Oliveira (Técnica em Assuntos Culturais - História), Denisvaldo de Carvalho Rocha (Estagiário), Diego Mortimer Rodrigues (Assistente Técnico), Eudes de Souza Oliveira (Encarregado de Turma), Isidoro Ferreira da Silva Júnior (Agente de Vigilância), Rômulo Sabarense da Costa (Analista Administrativo), Rosalina Neves de Assis (Técnica em Assuntos Culturais - Museologia) e Sebastião Filipe Santos (Estagiário).

Ficha elaborada pela Coordenação de Arquivos e Bibliotecas – CAB/CGSIM - em 19/10/2018

Endereço

Instituto Brasileiro de Museus - Ibram
Setor Bancário Norte, Quadra 02, Lote 08,
Bloco N, 13º andar - Brasília/DF
CEP: 70040-020

Telefone: + 55 (61) 3521-4420

www.museus.gov.br

Apresentação: Museu Regional Casa dos Ottoni

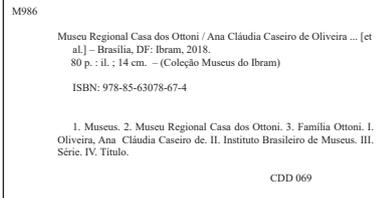
A valorização dos museus brasileiros é um constante desafio para quem atua diretamente e indiretamente no dia-a-dia das instituições, especialmente os profissionais que tem a função de tornar os acervos e as narrativas mais próximos de seus visitantes. Neste quinto volume da Coleção Museus Ibram: Museu Regional Casa dos Ottoni (Serro/MG) oferecemos ao público um contato com referências marcantes da cidade e da história familiar de personagens do período do império, como os senadores Teófilo Ottoni e Christiano Ottoni, que ali nasceram.

Nosso objetivo é estimular o desenvolvimento de ações que promovam o estudo, a preservação e a valorização dos notáveis acervos representativos da época salvaguardados no Museu. Mais do que isso, esperamos instigar a relação de proximidade com seus diversos públicos - professores, estudantes, especialistas, profissionais e pesquisadores de museus, memória e patrimônio e interessados em assuntos culturais – estabelecendo um permanente diálogo de afirmação do museu como espaço aberto à sociedade.

Agradecemos a todos que, mais uma vez, cooperaram com entusiasmo e dedicação para que a Coleção chegasse a sua sétima edição, e especialmente à equipe do Museu Regional Casa dos Ottoni que tornou possível sua concretização.

Marcos Mantoan

Presidente-Substituto do Ibram/MinC



PALAVRA DA DIREÇÃO

Cidade museal, Serro ostenta na residência da Família Ottoni um primoroso Museu, exemplo e referência para todo o país.

Primeira cidade do país a ter seu conjunto arquitetônico tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1938, Serro tornou-se referência mundial pela descoberta do ouro e diamante em seu território no início do século XVIII e hoje, com a preservação arquitetônica e a manutenção de seus costumes, desfruta de um patrimônio histórico, cultural e natural.

Idealizado no final da década de 1940, o Museu Regional Casa dos Ottoni possui um acervo composto por objetos que remontam ao Brasil Colônia e Império, tais como imagens sacras e peças de mobiliário. Seus objetos contemplam não apenas a história da família Ottoni, mas também as ricas tradições da cidade. A instituição possui ainda uma grande área verde, com conjuntos importantes de espécies animais e vegetais da região.

Por meio de exposições, ações educativas, participação em conselhos do município e da preservação de representações do imaginário de diferentes períodos da nossa história, o Museu procura articular o passado e o presente e constituir-se em um espaço dedicado ao direito à(s) memória(s), ao conhecimento, comprometido com a educação, a construção da cidadania e a inclusão social.

Assim, nós, colaboradores do Museu Regional Casa dos Ottoni, convidamos você, leitor, para uma prazerosa viagem.

Carlos Alberto da Silva Xavier
Diretor do Museu Regional Casa Dos Ottoni

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
CONTEXTO HISTÓRICO	15
— Introdução	15
— De Ivituruí a Serro	17
— Os Ottoni	24
O MUSEU	35
— Prédio e histórico do MRCO	35
— O MRCO no presente	41
— Missão do Museu	46
— Acervo Museológico	46
— Área externa: jardim e bosque	57
SERVIÇOS DO MUSEU	61
— Práticas Educacionais e Culturais	61
— Atendimento à pesquisa	65
VISITA AO MRCO	67
OLHARES DOS VISITANTES	68
VISITE TAMBÉM	71
ÚLTIMAS PALAVRAS	76
REFERÊNCIAS	77



Sylvana Lobo Azevedo: MRCC/Ibram/IMC.

“(...)trata-se, efetivamente, da casa onde nasceram Elói Otoni, Teófilo Otoni e Cristiano Otoni, doada à União Federal por um de seus descendentes, a fim de perpetuar a memória daqueles grandes brasileiros”

(Rodrigo Melo Franco de Andrade)



APRESENTAÇÃO

Nenhum meio de comunicação pode nos transmitir a experiência de um objeto tal como o contato presencial. Ainda assim, esta obra quer ser recebida como uma visita ao Museu Regional Casa dos Ottoni. Ela foi elaborada com o propósito de conduzir os leitores através da história de um conjunto arquitetônico singular e das magníficas histórias ali abrigadas.

Os conteúdos, gerados exclusivamente sob a coordenação da equipe do Museu, constituem-se basicamente em uma síntese de aspectos pontuais dessa história, em um extenso ensaio fotográfico, espaços expositivos, serviços, toda extensão deste inigualável acervo e espaço natural.

Esta publicação homenageia o Museu Regional Casa dos Ottoni, a cidade do Serro com suas tradições e todos que, ao longo de sua trajetória, ajudaram a manter sempre como referência o MRCO no campo da museologia brasileira.

Neste momento em que o Brasil busca a inclusão social por intermédio da cultura, este catálogo é uma oportunidade para aprofundarmos e levarmos a mais pessoas os aprendizados acumulados ao longo de todo o percurso do MRCO.

Obviamente, este documento jamais será o último sobre o Museu Regional Casa dos Ottoni. Longe disso, diante da grandeza do objeto, ele nunca estará finalizado. Os visitantes, pesquisadores, amigos, colaboradores, sempre contribuirão para preservar e fazer com que a Casa dos Ottoni seja reconhecida por sua importância na preservação material, imaterial e natural do nosso País.



Sylvana Lobo Azevêdo. MRCO/Ibram/Minc.

CONTEXTO HISTÓRICO

INTRODUÇÃO

Em fins do século XVII, a Coroa Portuguesa pôde, finalmente, celebrar a descoberta de metais preciosos na sua colônia de além-mar, o Brasil. Muitas foram as expedições – as entradas e bandeiras – que exploraram aquelas terras, guiadas por estrelas e por lendas contadas pelos índios sobre o cobiçado metal amarelo que acabou por ser encontrado no sertão das Minas Gerais. À primeira descoberta, onde hoje se localiza Sabará, sucederam-se várias outras, as quais deram origem a várias cidades históricas mineiras: Ouro Preto, Mariana, São João del-Rei, Tiradentes, dentre outras. Tinha início o Ciclo do Ouro. Recheadas de elementos fantásticos, essas estórias falavam ainda de uma “serra das esmeraldas”, cuja procura trouxe os bandeirantes para a região onde hoje se encontra o Serro.

Localizado na Serra do Espinhaço a cerca de 230 km de Belo Horizonte¹, o município traz na sua história a corrida pelo ouro, a riqueza proporcionada pela exploração das minas, a decadência dessa atividade

¹ Via MG-010.



Rangel de Cavalho. Acervo: MRCCO/bram/MinC.

e a necessidade de se reinventar economicamente. Além disso, e não menos importante, esse passado é também povoado por índios, escravos, senadores, intendentos do ouro, sinhás, negros forros... Enfim, toda uma sociedade que se desenvolveu a partir de suas relações pessoais, políticas e econômicas, suas crenças e sua cultura, de forma a compor a identidade do povo serrano e a determinar o tempo presente.

DE IVITURUÍ A SERRO

Corria o ano de 1701 quando chegou à região que era conhecida pelo nome de Ivituruí, termo de origem tupi-guarani que significava “morro de ventos frios” (ivi = vento; turi = morro; huí = frio), uma bandeira chefiada pelo guarda-mor Antônio Soares Ferreira. Tal como ocorreu em outras partes do território colonial, a terra já era habitada por índios – no caso, botocudos e maxacalis.

Às margens dos córregos Quatro Vinténs e Lucas foram encontradas as jazidas de ouro que, então, deram origem ao Arraial das Lavras Velhas. Conta-se que a responsável pela descoberta foi a negra de origem mina Jacinta de Siqueira. Na época, era costume contar com escravos dessa procedência, em especial mulheres, nas expedições que buscavam o mineral, por eles terem larga experiência em mineração na África. O nome Quatro Vinténs teria se originado da quantidade de ouro retirada do leito do córrego na primeira bateada da negra Jacinta. Em seus primórdios, o arraial também recebeu o nome de Arraial do Ribeirão das Minas de Santo Antônio do Bom Retiro do Serro do Frio.

Com a sua crescente produção aurífera, o arraial viu também aumentar sua importância para a Coroa Portuguesa e para a Colônia, sendo elevado a freguesia em 1713 e a vila no ano seguinte. Tendo

recebido o nome de Vila do Príncipe em homenagem a D. José I, príncipe português, a vila viveu um grande impulso desenvolvimentista, com destaque para a instalação do Senado da Câmara e a criação da Comarca do Serro Frio. Se, antes, a vila pertencia à comarca de Sabará, àquele tempo Vila de Sabarabuçu, a partir de então ela se tornou a sede da maior comarca da capitania das Minas Gerais, a qual abrangia todo o norte e nordeste do estado e fazia divisa com a Bahia.

A mineração, que tanto rendeu à Coroa e tão importante foi para o desenvolvimento da vila, no entanto, encontrou sua decadência em princípios do século XIX. A partir de então, os habitantes do local se voltaram para a agricultura de subsistência, pecuária e produção de queijo – o seu “ouro branco”. Não obstante, a vila continuou como centro administrativo e jurídico da região e, em 1838, foi elevada a cidade por lei provincial.

A dificuldade de acesso ao município, que não conseguiu se incorporar à malha ferroviária, fez com que ele ficasse distante da modernidade e de novas concepções arquitetônicas e urbanísticas, mantendo muitas de suas características coloniais. Em função disso e também por seu papel na história brasileira, a cidade foi a primeira a ter o seu

complexo arquitetônico tombado pelo IPHAN, em 6 de março de 1938².

A cidade também tem reconhecido seu patrimônio imaterial: o Modo Artesanal de Fazer Queijo de Minas. Ele abarca várias regiões mineiras, dentre elas o Serro, tendo sido registrado em 07 de agosto de 2002 pelo IEPHA e em 13 de junho de 2008 pelo IPHAN. Hoje, o queijo do serro é reconhecido mundialmente como marca registrada do município e, ainda, do estado de Minas Gerais, levando o nome da cidade por todos os lugares. Além do queijo, o Serro possui uma cultura imaterial rica, autenticamente mineira e repleta de saberes tradicionais, festas religiosas e populares – destaque para a Festa de N. Sra. do Rosário e a Festa do Divino –, Congado, estórias pitorescas, etc.

² A primeira cidade a ter seu conjunto arquitetônico inscrito no Livro do Tombo das Belas Artes foi São João del-Rei, em 4 de março de 1938. Contudo, segundo fontes do IPHAN, o Serro foi a primeira cidade a ter sido notificada, por carta endereçada ao prefeito, de seu tombamento. Tal ato, por si só, já dá ao bem o status de patrimônio cultural.



Acervo: IPHAN (Monumenta)

Jardim Público do Serro (atual Praça João Pinheiro) e Igreja de Santa Rita.



Acervo: IPHAN (Monumenta)

Panorama da cidade do Serro.



“[Serro] (...) Cidade encantada que parou no tempo – há um cenário teatral”

(Silvio Vasconcellos)

OS OTTONI

Ao longo desses séculos de história, muitos foram os serranos que tiveram destaque na história brasileira. Dentre os chamados “serranos ilustres” podemos citar alguns membros da família Ottoni, em especial três deles, que inspiraram a criação do Museu Regional Casa dos Ottoni: José Eloy Ottoni, Teófilo Benedito Ottoni e Cristiano Benedito Ottoni.

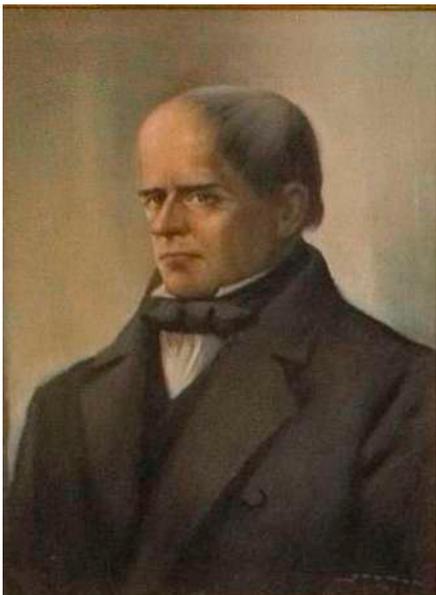
Segundo estudos genealógicos, a família Ottoni tem origem italiana e o primeiro Ottoni a chegar ao Brasil foi o genovês Manoel Ottoni. Isso aconteceu na década de 1720, depois de ele viver, por 15 anos, em Portugal. Provavelmente, a saída da Itália foi motivada pela perda de poder político da família em Gênova, em uma época na qual o país não estava unificado e dividia-se em Repúblicas Independentes governadas por famílias nobres e influentes também marcadas pelas constantes lutas pelo poder entre esses clãs.

Seu neto, Manoel Vieira Ottoni, foi o primeiro Ottoni a viver na Vila do Príncipe, onde exerceu a função de ajudante de ensaiador e, posteriormente, ensaiador da Casa de Fundação. Tal cargo era de grande responsabilidade na época, pois dele dependia a qualidade do ouro

quintado que era enviado à Coroa. Em 1763, ele se casou com Anna Felizarda do Prado Leme, cuja família descendia do bandeirante Fernão Dias Paes Leme, tinha prestígio político na colônia e era detentora de muitos recursos. O casal teve 17 filhos, sendo que 7 deles faleceram recém-nascidos ou na primeira infância.

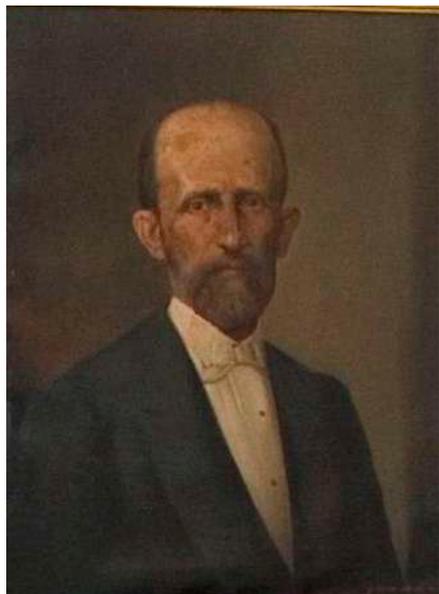
JOSÉ ELOY OTTONI

O primogênito, nascido em 1764, foi José Eloy Ottoni, que se destacou como exímio latinista e poeta. Exerceu vários cargos no Brasil e na Europa, tais como professor, embaixador de Portugal na Espanha, oficial da secretaria da Academia da Marinha, dentre outros; no entanto, é lembrado principalmente por sua poesia, largamente influenciada por poetas como Bocage e Bressani. Suas produções principais são “Poesias Avulsas”, “Drama Alusivo ao Caráter e ao Talento de Bocage”, “Ode aos Anos de Jorge IV da Inglaterra”, “Anália de Josino”, “O livro de Jó”, além de algumas traduções e poesias avulsas, a exemplo do soneto na página seguinte.

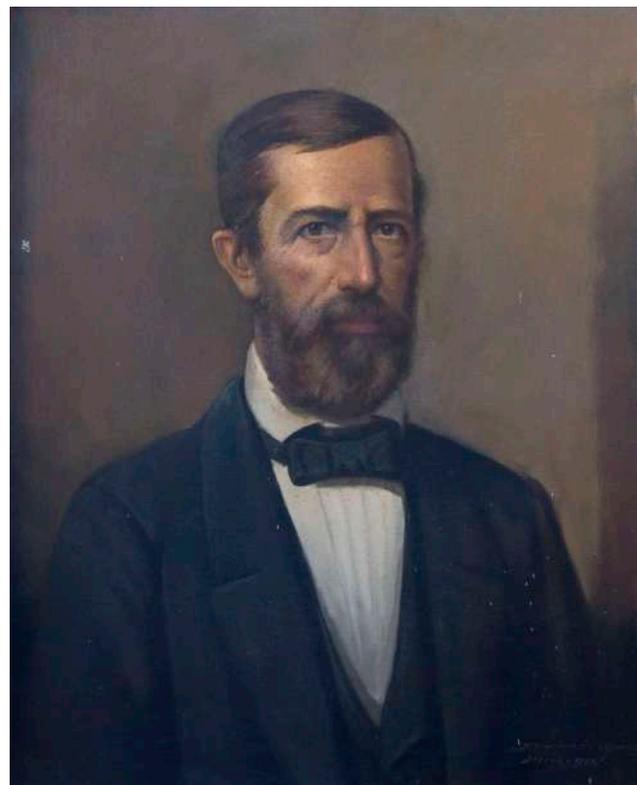


JOSÉ ELOY OTTONI, óleo sobre tela,
Jordão de Oliveira, 1962.

Arquivo: MRCCO/IBRAM/MinC.



CHRISTIANO BENEDICTO OTTONI,
óleo sobre tela, Jordão de Oliveira, 1955.



THEÓFILO BENEDICTO OTTONI, óleo sobre tela, Jordão de Oliveira,
1954.

Arquivo: MRCCO/IBRAM/MinC.

SONETO³

Portugueses! A nuvem tenebrosa
Qu'ofuscava a razão desaparece,
Desfez-se o caos que a discórdia tece:
Já se encara sem medo a luz formosa.

Dos erros a progênie maculosa
Baqueando em soluços estremece.
A justiça dos céus ao trono desce,
Marcando os faustos à nação briosa.

Lísia, berço dos heróis, oh Lísia, alerta!
Cumpre que os ferros o Brasil arroje,
Seguindo o impulso que a razão desperta.
A expressão de terror desmaia e foge,
Graças à invicta mão que nos liberta,
Escravos ontem, sois Romanos hoje!

³ Retirado do site <http://www.antoniomiranda.com.br>

Recitado em 1821, no teatro S. João e na presença de D. João VI, o soneto foi objeto de conflito entre o rei e a plateia, pois enquanto o rei protestava, falando “Escravos, não! Vassalos!”, a plateia respondia “Peior, pior!”. Conta-se ainda que, devido ao poema, José Eloy Ottoni encontrou dificuldades para conseguir um emprego estável, apesar da sua notável capacidade intelectual.

Em 1911, o poeta teve reconhecida a sua importância e foi nomeado Patrono da Cadeira de número 36 da Academia Mineira de Letras.

THEÓFILO BENEDICTO OTTONI E CHRISTIANO BENEDICTO OTTONI

Jorge Benedicto Ottoni, um dos irmãos de José Eloy Ottoni e nascido em 1782, exerceu importantes cargos políticos na Vila do Príncipe, tendo sido vereador e senador, além de tabelião. Casou-se, em 1807, com Rosália de Souza Maia e, da união, nasceram 12 filhos, sendo que dois deles foram muito relevantes para a história do Brasil: Theófilo Benedicto Ottoni e Christiano Benedicto Ottoni.

Theófilo Benedicto Ottoni nasceu em 1807 e destacou-se na política brasileira, tendo sido ferrenho defensor do Republicanismo e do Liberalismo. Até os 15 anos, ocupava-se do comércio e acompanhava seu pai em viagens com as tropas, não tendo recebido nenhuma ins-

trução. Com essa idade, ele e mais três irmãos passaram a morar com o tio José Eloy Ottoni, quando iniciaram seus estudos e serviram na Marinha. Ao requerer baixa da Marinha, em 1830, Theóphilo Ottoni retornou ao Serro para dedicar-se à carreira política e fundou o periódico “Sentinela do Serro” no qual defendia suas ideias liberais e democráticas. Em 1842, participou da Revolução Liberal de 1842 que terminou com a derrota dos insurgentes em Santa Luzia e, como consequência, sua prisão. Posteriormente, foi beneficiado pela anistia decretada pelo imperador D. Pedro II.

Após exercer o mandato de Deputado Federal, afastou-se da política devido à derrota dos liberais para os conservadores e fundou, em 1848, a “Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri”. Com o objetivo de promover o desenvolvimento da região⁴, Theófilo Ottoni procurou ligar o sertão mineiro a um porto marítimo⁵, incentivou a instalação de imigrantes europeus na região e desenvolveu um núcleo urbano que recebeu o nome de Philadelphia⁶. Em 1860, por motivos

4 A área era território de índios botocudos, que atacaram a expedição de Teóphilo Ottoni. Este, no entanto, não revidou de forma violenta e procurou negociar a paz. Obtendo sucesso na empreitada, a expedição teve acesso a terras até então inacessíveis aos “civilizados”.

5 A via ligava Teófilo Ottoni ao Rio de Janeiro por meio do seguinte trajeto: Teófilo Ottoni-MG a Nanuque-MG (por via terrestre), Nanuque a Mucuri-BA (via Rio Mucuri) e Mucuri a Rio de Janeiro-RJ (também por via marítima, percorrendo parte do litoral brasileiro).

6 Em 1878, a cidade passou a se chamar Teófilo Ottoni, nome que ainda hoje mantém.

políticos, a Cia. Mucuri foi encampada pelo governo.

Assim, Teophilo Ottoni retornou à política e foi eleito Deputado Federal e, logo após, Senador. Teve destaque na famosa “Questão Christie”, um importante impasse diplomático do governo de D. Pedro II, que culminou com o rompimento das relações entre Brasil e Inglaterra, ao liderar um importante movimento contra as pretensões imperialistas dos ingleses.

A campanha do Mucuri fragilizou sobremaneira a sua saúde e, em 1869, faleceu Teophilo Ottoni. Desse modo, apesar de ter sido um dos maiores defensores do republicanismo no Brasil, acabou não assinando, em 1870, o Manifesto Republicano de Itu, documento fundamental para o movimento republicano brasileiro.

Christiano Benedicto Ottoni nasceu em 1811 e, com Teophilo Ottoni, morou na casa do tio e serviu a Marinha na qual se reformou como Capitão Tenente. Formado em engenharia, foi professor de matemática na Academia da Marinha e publicou vários livros didáticos de matemática que foram usados no ensino brasileiro da época. Participou, também com o irmão, da epopeia de colonização do Vale do Mucuri, tendo sido o elaborador do projeto da estrada de rodagem entre Philadelphia e Santa Clara (atuais Teófilo Ottoni e Nanuque, res-

pectivamente), a primeira via desse tipo do Brasil.

Apesar de, politicamente, ter sido um inimigo de D. Pedro II, este o considerava um excelente engenheiro e administrador. Assim, Cristiano Ottoni exerceu o cargo de Presidente da Estrada de Ferro D. Pedro II, a primeira ferrovia brasileira, entre 1855 e 1865. Por isso – e por ter sido ele o homem responsável pela expansão das linhas férreas em direção a Minas Gerais e São Paulo –, Christiano Ottoni é considerado o “pai das estradas de ferro no Brasil”.

Também atuou no campo da política, tendo sido eleito como deputado pelo Partido Liberal e, posteriormente, por duas vezes, senador. Era defensor do ideário republicano e liberal e foi um dos signatários do Manifesto Republicano de Itu. Embora não seja lembrado como um literato, Christiano Ottoni deixou algumas obras de sua autoria, tais como as biografias de Teophilo Ottoni e de D. Pedro II, “Futuro das Estradas de Ferro no Brasil” e “História da Escravidão no Brasil”. Além disso, era um notável polemista e escrevia artigos contrários aos seus adversários políticos, publicando-os na imprensa.

Christiano Ottoni faleceu aos 85 anos, no Rio de Janeiro. Por ter sido um grande engenheiro brasileiro, foi escolhido como patrono da Escola de Engenharia da UFMG, criada em 1911. Foi homenageado

ainda com a criação, em 1974, da Fundação Cristiano Ottoni, uma instituição de pesquisa vinculada à UFMG. Sua descendência também contou com destaques para a história brasileira, em especial seu filho Júlio Benedicto Ottoni⁷ e seu neto Raymundo Ottoni de Castro Maya⁸.



Sylwina Cotrim Lobo. Acervo: MRCO/Ibram/MinC.

LEQUE pertencente a Rosália de Souza Maia.

⁷ Advogado de formação, destacou-se como importante industrial e homem de elevado espírito público e filantrópico. Fez grandes doações a diversas instituições, com destaque para uma das mais importantes coleções de livros sobre o Brasil e a América, doada para a Biblioteca Nacional, e a Casa dos Ottoni, da qual falaremos mais adiante.

⁸ Importante colecionador de arte, reuniu, ao longo de sua vida, um rico acervo artístico com obras de Degas, Picasso, Monet, Matisse, Di Cavalcanti, Portinari, Guignard, dentre outros artistas. Sua coleção encontra-se nos Museus Castro Maya – Museu do Açude e Chácara do Cêu, administrados pelo Ibram/MinC.

PINTURA do século XIX, de autoria de Albert Schirmer, retratando a Igreja de Matosinhos e a Casa dos Ottoni.



Casa da Família Ottoni. Serro. Minas. 1875.

O MUSEU

PRÉDIO E HISTÓRICO DO MRCO

Segundo memorialistas locais, a história do prédio em que o MRCO se localiza remonta a fins do século XVIII, quando foi construído para servir de residência ao procurador do Senado da Câmara e sua esposa. A transferência da casa para a família Ottoni, embora não seja documentada, deve ter ocorrido, provavelmente, ainda no século XVIII ou no início do XIX. Essa não foi a primeira casa da família na Vila do Príncipe. Há ainda uma residência, conhecida como “casa de José Eloy Ottoni”, que pode ter sido o lar dos Ottoni quando da sua chegada à vila.

Além de residência, antes de abrigar o museu, na edificação funcionaram outras instituições. Em 1911, a casa, que não mais se constituía como posse da família Ottoni, foi comprada pela Santa da Casa da cidade, responsável pela instalação de um asilo de órfãos e liceu. A incorporação do imóvel ao patrimônio da União se deu em 1918, por intermédio de Júlio Benedicto Ottoni, filho de Cristiano Ottoni, para que nele fosse instalado o Patronato Agrícola Casa dos Ottoni, o qual

foi fechado em 1930, após a morte de seu benfeitor e a despeito de sua vontade. Quatro anos mais tarde foi aberta, no “solar dos Ottoni”, uma maternidade administrada pela Santa Casa de Caridade dedicada ao atendimento de parturientes pobres.



Na foto está escrito “Serro, 1º - 1º - 1935, INSTALAÇÃO “LYCEU GUIDO OTTONI”. Não se pode afirmar, no entanto, que o liceu encontrava-se instalado na Casa dos Ottoni, onde, em dezembro de 1934, funcionava uma maternidade. Destaque para a ausência de varanda.

Em 13 de abril de 1944, o Ministério da Fazenda autorizou a alienação do imóvel via concorrência pública. Tal venda, no entanto, não ocorreu, devido à intervenção de Rodrigo M. F. de Andrade. Assim, no mesmo ano, a posse foi transferida para o SPHAN e, em função de seu estado de conservação, o prédio passou por um processo de restauração. Alguns anos depois, em 28/04/1950, a “Casa dos Ottoni” foi tombada, conforme consta no Livro do Tombo nº270, fl.46.

O motivo da intervenção de Rodrigo M. F. de Andrade no momento da alienação da Casa dos Ottoni fica bastante claro em carta escrita por ele em 5 de maio de 1944 a Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde⁹: “trata-se, efetivamente, da casa onde nasceram Elói Otoni, Teófilo Otoni e Cristiano Otoni, doada à União Federal por um de seus descendentes, a fim de perpetuar a memória daqueles grandes brasileiros”¹⁰.

Fontes orais identificam a criação do museu durante a década de 1940, sendo que nos anos 60 e 70 a Casa dos Ottoni já teria um funcionamento, ainda que informal, sendo aberta pelo Sr. José Olímpio de Moura, conhecido na cidade do Serro como Seu Olímpio. No entanto,

⁹ Carta localizada no arquivo da 13ª Superintendência Regional do IPHAN (Serro/MG).

¹⁰ Percebe-se claramente, na concepção do MRCQ, a visão cívica de construção da identidade nacional que serviu de guia para as ações do SPHAN, permeada pelo culto à memória dos personagens ilustres, grandes homens que tiveram papel relevante para a história do Brasil.

quanto aos usos propostos para o imóvel, na carta mencionada, Rodrigo sugere que “o edifício, de tão notável valor histórico, poderia ser usado para sede desta repartição [o SPHAN] na aludida cidade (...)”. Já em documentação do diário oficial de 5 de agosto de 1957¹¹ (portanto, posterior ao tombamento da casa), existe menção à criação de um museu no local, juntamente com uma referência à restauração dos trabalhos do patronato agrícola:

“Trata-se da casa onde nasceram Teófilo e Cristiano, personalidades que tanto ilustram a história política e econômica do Império. A memória desses mineiros voltados à causa da liberdade e do desenvolvimento econômico brasileiro deve ser cultuada, não apenas nas atividades de museu, como ainda nos trabalhos do patronato agrícola, que ali existiu e merece ser restaurado.”

Em 17 de outubro de 1984, foi assinado um convênio entre a Fundação Nacional Pró-Memória, a Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, a Prefeitura Municipal do Serro e a Arquidiocese de Diamantina que visava implantar o Museu do Serro, cuja proposta

¹¹ A publicação do ofício no Diário Oficial da União encontra-se na 13ª Superintendência Regional do IPHAN, localizada no Serro/MG.

era composta por três módulos a serem instalados na Igreja de Bom Jesus do Matosinhos, na Chácara do Barão e na Casa dos Ottoni. Segundo o documento, a Casa dos Ottoni abrigaria um museu regional e teria exposto o acervo que já se encontrava no prédio. Para tanto, a edificação foi novamente restaurada.

Nesse processo, merece destaque Rui Mourão, então diretor do Museu da Inconfidência e coordenador do Grupo de Museus e Casas Históricas de Minas Gerais. Deve-se a ele a manutenção de várias instituições históricas do estado a partir da década de 1970, quando iniciou o seu trabalho em prol da preservação dos bens patrimoniais culturais brasileiros, em especial os de Minas Gerais. Em depoimento redigido por ele e entregue ao MRCO, Rui Mourão relata que buscou “criar condições para que as unidades mais modestas subissem de posto, passando a integrar o conjunto de instituições que, de portas abertas, funcionavam satisfatoriamente organizadas, recebendo visitantes”¹².

Podem-se considerar como primeiros registros de funcionamento regular do MRCO as assinaturas no livro de visitação do MRCO que datam de 1991, quando a instituição foi reinaugurada pelo IPHAN/Pró-Memória.

¹² Depoimento de Rui Mourão pertencente ao MRCO.



Acervo: IPHAN/Minc



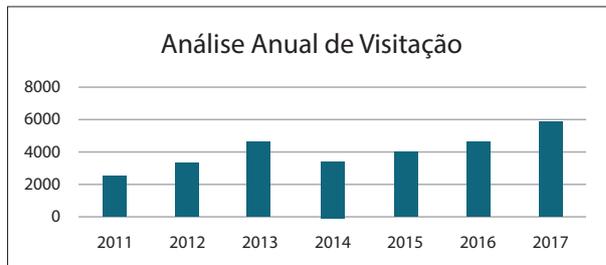
Acervo: IPHAN/Minc

O MRCO NO PRESENTE

Em 2009, em função da lei nº 11.906, foi criado o IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus – uma nova autarquia, vinculada ao Ministério da Cultura, à qual cabe a administração e manutenção dos museus federais antes pertencentes ao IPHAN. Atualmente, o MRCO conta com um corpo técnico consistente que vem trabalhando no sentido de tornar o museu um espaço de todos e consolidá-lo como um lugar dedicado ao direito à(s) memória(s) e ao conhecimento.

Nesse sentido, a equipe do MRCO desenvolve, desde 2011, um estudo de público detalhado. A ação permite um conhecimento mais aprofundado do seu público e determina o não-público da instituição, além de apontar fatores internos e externos que influenciam diretamente a visitação, a frequência mensal das visitas e o seu padrão ao longo do ano, a origem dos visitantes, dentre outros elementos. Todas essas informações norteiam e impulsionam o planejamento e organização de todas as atividades do MRCO, incluindo os serviços de marketing, educação, pesquisa, difusão, aprendizado e comunicação.

Desde que foram iniciadas as pesquisas de público, o MRCO apresenta um crescimento significativo de seu público visitante, como pode ser visto no gráfico abaixo:



O aumento das visitas é resultado do planejamento e foco das ações desenvolvidas por meio dos dados fornecidos pelo estudo e, também, do trabalho comprometido da equipe do MRCO.



URNA
dos Pré-Santificados.



ORATÓRIO policromado com imagens



PLANTA BAIXA do MRCO:
1º pavimento



PLANTA BAIXA do MRCO:
2º pavimento

PLANTA DA ÁREA total do MRCO



MISSÃO DO MUSEU

Ao Museu Regional Casa dos Ottoni foi atribuída a missão de preservação, pesquisa e divulgação do passado histórico e cultural do Serro e da família Ottoni, dedicando-se também a discutir o que possa se relacionar, nesse contexto, aos mais diversos aspectos da cultura atual. Nesse plano, podemos identificar a necessidade de concentrar as atenções para o cumprimento pleno do exercício museológico na sociedade onde está inserido, procurando incrementar e propor atividades no campo cultural, de forma que a instituição seja polo de discussão constante do passado, presente e futuro.

ACERVO MUSEOLÓGICO

Atualmente, o acervo do Museu Regional Casa dos Ottoni compreende o total de 500 objetos inventariados de procedência, materiais, técnicas e identificação bastante diversas entre si. São imagens sacras de roca, mobiliário, utensílios de cozinha, equipamento para extração de minério, pinturas, coleção numismática e documentação pertencente à família Ottoni, além de objetos culturalmente representativos de costumes do estado de Minas Gerais e da manufatura do queijo artesanal que é a tônica da região do Serro, na qual o Museu está edificado.

O acervo foi formado por uma coleção pré-existente, pois o edifício passou a abrigar parte do acervo da Igreja da Purificação, demolida nos anos 1920. Na documentação catalográfica, consta também a aquisição do acervo por meio de compra e doação, tanto de mobiliário, quanto de objetos pessoais, com destaque para objetos doados pelos descendentes da família Ottoni. Encontram-se ainda, junto à documentação existente nos arquivos do MRCO, notas de compra datadas do ano de 1984. Na ocasião, a maior parte dos objetos foi adquirida em função do projeto de revitalização e permite reproduzir o ambiente de uma moradia do século XIX.

É importante ressaltar que o acervo é composto por objetos de algumas igrejas da região, as quais se encontram sob a responsabilidade do MRCO. Trata-se, na sua maioria, de imaginária e objetos de culto do século XVIII, pertencentes à Igreja de Santa Rita, à Igreja Bom Jesus do Matosinhos e à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

O acervo encontra-se disposto em oito salas de exposição, sendo quatro no 1º pavimento e quatro no 2º pavimento, onde também se encontra a Reserva Técnica Museológica.



SANTO DE ROCA
Rainha dos Anjos.



MENINO JESUS.

FRAGMENTO DE
SANTO DE ROCA
(cabeça): São Francisco de
Assis, São Benedito, São
Boa Ventura.



BUSTO
de Teophilo B. Ottoni.

BATEIA e FORMA
de Queijo.



MEDALHA COMEMORATIVA (frente e verso).



TIPOS GRÁFICOS.

1º pavimento

SALA “IMAGENS DE ROCA”

Nessa sala, figuram os objetos mais representativos do acervo: imagens processionais articuláveis, com cabeças de encaixe, denominadas “imagens de roca” ou “santos de vestir”. A principal característica dessas imagens é a possibilidade de serem vestidas e, assim, denominação “roca” faz menção à roca de tear, equipamento utilizado para a produção de tecidos. Esse tipo de imagem sacra adquiriu relevante importância no catolicismo, principalmente durante o período Barroco, e são utilizadas ainda hoje em algumas procissões serranas.



Rangel de Carvalho. Acervo: MRCCO/Ibram/MinC.



Sylvana Cotrim Lobo. Acervo: MRCCO/Ibram/MinC.

SALA DOS PAINÉIS

A sala dos painéis conta um pouco sobre a origem da cidade do Serro. O cômodo, localizado na parte inferior da casa de vivenda e supõe-se ter sido utilizado para guardar objetos de tropas e até mesmo alojá-las. O piso foi adaptado com tijolinhos e originalmente era de terra batida.



Rangel de Carvalho. Acervo: MRCCO/Ibram/MinC.

SALA DA IGREJA NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO

A sala apresenta fragmentos de retábulos que pertenceram à Igreja de Nossa Senhora da Purificação, os primeiros objetos a compor a coleção do Museu. Tal igreja foi construída por volta de 1742 e demolida por volta de 1926, em função de seu precário estado de preservação.

SALA DOS ORATÓRIOS
Sala destinada à exposição de oratórios do século XIX, pertencentes à paróquia da cidade. São peças com pinturas no estilo Rococó que ressaltam cores vivas como o azul, pinturas de flores e detalhes em dourado. Na sala encontram-se também um confessionário, dois Anjos Tocheiros em madeira e mais alguns retábulos da igreja demolida Nossa Senhora da Purificação.



Rangel de Carvalho. Acervo: MRCCO/Ibram/MinC.

2º pavimento

SALA DE JANTAR

A sala de jantar apresenta, majoritariamente, exposição de mobiliário, composto por mesa, bancos, cabideiro. Há também um armário do tipo guarda-comida no qual se mantém porcelanas e utensílios de origem inglesa e portuguesa, também datados dos séculos XVIII/XIX. Na sala há um espaço de referência aos tropeiros, com alguns objetos como: cabeçada e peitoral, utilizados por animais, além de um exemplar de trempe e caldeirões da cozinha de tropa.



Rangel de Carvalho. Acervo: MIRCO/Ibram/Minc.



Rangel de Carvalho. Acervo: MIRCO/Ibram/Minc.

COZINHA

Na cozinha contamos com um exemplar de fogão a lenha confeccionado em madeira e pedra sabão, típico da região. Também estão em exposição, no cômodo, gamelas, pilão, panelas de ferro e de pedra sabão, balança, candeiro e ferrete. Os destaques da sala são a bancada e as formas de madeira, ambas utilizadas na produção de queijo artesanal da região do Serro.



Rangel de Carvalho. Acervo: MIRCO/Ibram/Minc.

QUARTO DE VIÚVA

O Quarto de Viúva recebe esse nome em menção ao tamanho da cama, mais estreita do que a cama de casal e mais larga do que a cama de solteiro, muito utilizada em casas de vivenda para designar o estado civil do seu morador. No quarto figuram pinturas, como o retrato de Teófilo Ottoni e o da sua esposa, Carlota Amália Ottoni, baús confeccionados em madeira, além de uma escrivaninha e pequenos objetos de uso cotidiano, do século XIX.

SALA DA FAMÍLIA OTTONI

Sala principal da casa ou sala de visitas, nesse cômodo estão expostos mobiliários de época, como: piano, relógio de parede, cadeiras, luminárias, aparadores e mesas, além de telas representando os integrantes da família Ottoni.



Sylvana Corfim Lobo. Acervo: MIRCO/Ibram/Minc.



RESERVA TÉCNICA MUSEOLÓGICA

Os objetos que não se encontram sem exposição estão localizados em nossa Reserva Técnica Museológica. Cerca de 45% do acervo estão acondicionados em estantes, gavetas, prateleiras e mapotecas, devidamente inventariados e referenciados documentalmente.

QUARTO DE SOLTEIRO

O cômodo tem em exposição um oratório com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, ambos do século XVIII e duas camas de solteiro. Figuram na parede dois quadros com as figuras dos irmãos Teophilo Ottoni e Christiano Ottoni.



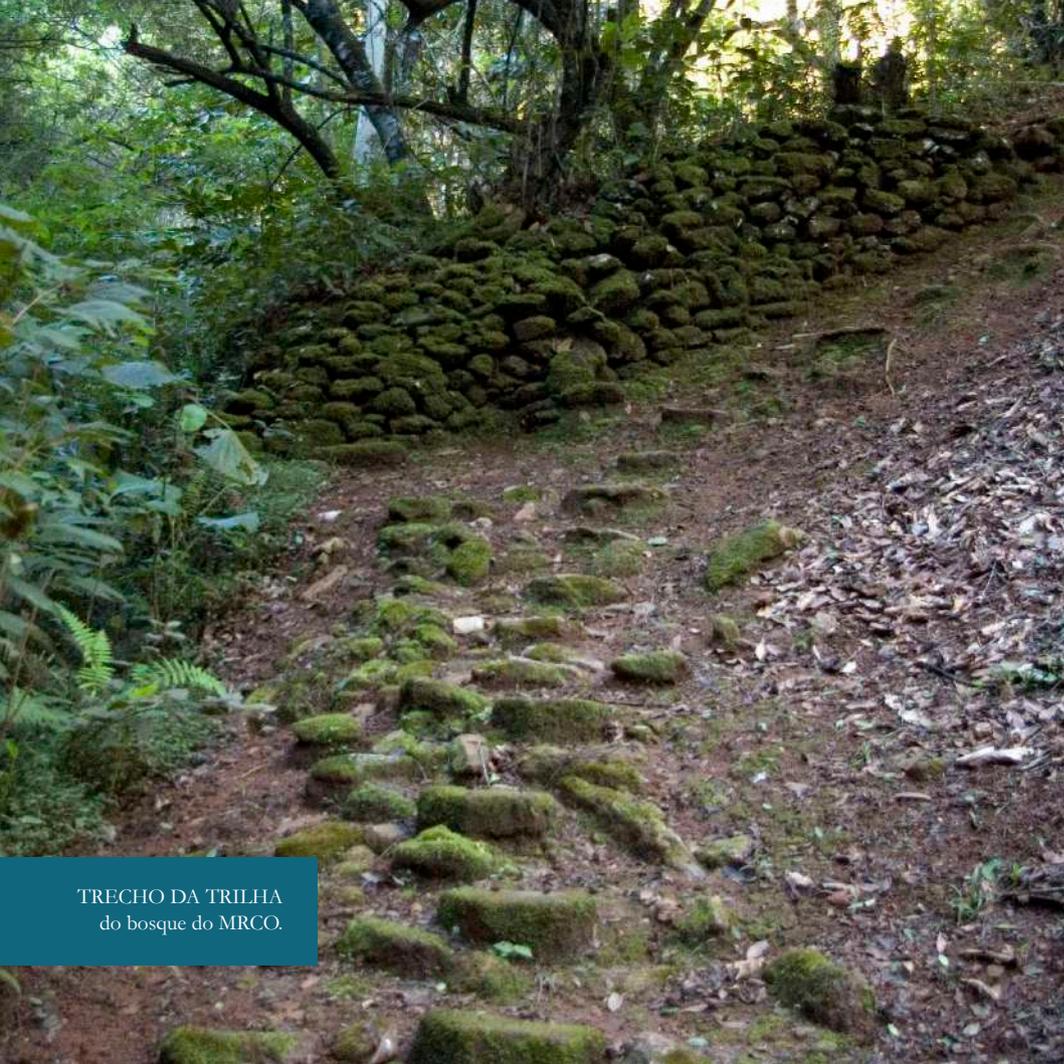
Rangel de Carvalho. Acervo: MRCCO/IBRAM/MinC.

Rangel de Carvalho. Acervo: MRCCO/IBRAM/MinC.



VARANDA

A varanda nos permite contemplar uma vista privilegiada da cidade, entendendo a lógica da sua formação, visto que a cidade do Serro teve início onde hoje está edificado o Museu Regional Casa dos Ottoni. É possível observar a forma como as igrejas e os casarões foram dispostos, conferindo à estrutura arquitetônica características de um anfiteatro.



TRECHO DA TRILHA
do bosque do MRCO.

ÁREA EXTERNA: JARDIM E BOSQUE

Além da casa, o MRCO possui uma área externa com total de 36.000m², um espaço fundamental que se constitui em mais um ponto de lazer para os visitantes do museu, de forma integrada à exposição.

Um belo jardim não apenas deixa a casa mais bonita, mas também é um lugar agradável, onde a calmaria nos permite alinhar nossos pensamentos e nos convida ao repouso. O jardim do MRCO é um espaço amplamente utilizado pelos visitantes, os quais, ao fim da visita, ficam livres para apreciar o som da água que corre no local e as várias espécies de plantas cultivadas, brincar, ler um livro, fazer piqueniques ou, apenas, ter um momento de descanso. Exposta no jardim, encontra-se também uma peça de autoria de Mestre Valentim, artista nascido no Serro em 1745: a Garça, criada para compor a Fonte dos Dois Amores¹³. No espaço, são desenvolvidas também várias atividades do MRCO, tais como saraus, exibição de filmes, apresentações e ações educativas.

Junto ao jardim, o bosque do MRCO também compõe a área externa da instituição. Na área, encontram-se várias espécies nativas da

¹³ A Fonte dos Dois Amores localizava-se no Passeio Público do Rio de Janeiro. Atualmente, as Garças de Mestre Valentim podem ser encontradas no jardim Botânico da mesma cidade.

flora e da fauna da Mata Atlântica, além de uma nascente cujo curso passa pelo jardim, em direção ao Córrego do Lucas. A visita à trilha proporciona uma experiência voltada para a natureza e para a importância de sua preservação. O passeio possibilita, ainda, a troca de conhecimentos por meio de um processo no qual o visitante tem um papel ativo, de forma a despertar seu interesse sobre o assunto.

Se a área externa do MRCO é fundamental para a instituição, no âmbito interno vale destacar que o seu valor extrapola – e muito! – os muros da unidade. Ao se observar a cidade, percebe-se que o bosque do MRCO é uma das maiores áreas verdes preservadas que estão localizadas no centro urbano, contribuindo para a manutenção das características climáticas e ambientais da região. Além disso, o jardim e o bosque são, juntos, um dos mais importantes pontos de conexão entre o museu e os serranos. Muito rico, o patrimônio natural do Serro é composto principalmente de cachoeiras e parques estaduais, sendo a área externa do MRCO uma das mais relevantes opções de lazer que envolvem o contato com a natureza localizada no núcleo urbano.

JARDIM do MRCO.



Sylvana Corrêa Lobo, Acervo: MRCO/IBRAM/MinC.



Circuito Cultural do Diamante, Acervo: MRCO/IBRAM/MinC.

GARÇA
de Mestre Valentim.



PRÁTICAS EDUCACIONAIS E CULTURAIS
DO MRCO. Oficina de cerâmica.

Arquivo MRCO/bram/Minic.

SERVIÇOS DO MUSEU

PRÁTICAS EDUCACIONAIS E CULTURAIS

Ao longo do tempo, a sociedade se modifica continuamente, a partir de novos conhecimentos e novas perspectivas de vida. Isso se reflete em todas as áreas da ação humana, seja na política, na economia e na cultura. Assim, é necessário que os museus também procurem se renovar, se redescobrir, se reimaginar.

As práticas educativas e culturais dos museus compõem o conjunto de ações voltadas para o intercâmbio entre instituição museológica e sociedade e devem ser balizadas por questões internas e externas. No primeiro grupo encontram-se a coleção do museu, a tipologia do acervo, a museografia, a estrutura física da instituição, dentre outros. O segundo grupo é composto por teorias e estudos sobre a área pedagógica e museológica, com destaque para as normas publicadas para os campos, como a Política Nacional de Educação Museal e o contexto social no qual a instituição está inserida.

Dessa forma, o setor Educativo do Museu Regional Casa dos Ottoni é um conjunto de objetivos e metas, traduzido em oportunidades

que contribuem para solidificação e desenvolvimento da identidade e consciência cultural do público visitante. Com o objetivo de tornar a visita mais interativa e provocativa, o público, seja ele de turistas, moradores do Serro ou estudantes, pode se beneficiar da visita mediada, sem que isso requeira agendamento prévio¹⁴. Além disso, há na instituição várias outras ações educativas e culturais, tais como encontros, cursos, oficinas, jogos educativos, feiras, passeios na trilha, espaço de leitura, rodas de conversas, CineMuseu, projetos de conscientização ambiental com os vizinhos limítrofes, dentre outras.

Ao longo do ano, o MRCO também procura desenvolver atividades para datas comemorativas, como o Aniversário do Serro e o Dia da Consciência Negra, e para atender à programação da Semana Nacional dos Museus e da Primavera dos Museus, eventos culturais promovidos em esfera nacional.

¹⁴ O agendamento é exigido apenas para grupos de 15 visitantes ou mais.

Arquivo: MRCO/bram/MinC.



PALESTRA sobre meio ambiente e plantio de muda



Arquivo: MRCO/bram/MinC.

FEIRA no Museu.



SANTANA MESTRA (detalhe)

Circuito Cultural do Diamante. Acervo: MRCCO/Itaram/MinC.

ATENDIMENTO À PESQUISA

O MRCCO não possui acervo arquivístico, no entanto, encontra-se à disposição para o atendimento de pesquisadores no sentido de tirar dúvidas sobre o Serro, a família Ottoni e/ou o museu. Dentro das possibilidades da equipe, procura-se também orientá-los sobre a localização de documentos acerca desses temas e sobre uma bibliografia pertinente.

HORÁRIOS:

Segunda-feira a sexta-feira, de 9:00 às 12:00 e de 14:00 às 16:00.

Contatos: (38) 3541-1440 / mrcco@museus.gov.br

“Esta Vila está edificada sobre a encosta de um morro alongado, e suas casas dispostas em anfiteatro; os jardins que entre eles se vêem, suas igrejas disseminadas formam um conjunto de aspecto muito agradável (...)”

(Auguste de Saint-Hilaire, 1817)



Joyce Costa.

VISITA AO MRCO

HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO:

Terça-feira a sábado, de 10:00 às 18:00

Domingos e feriados, de 8:00 às 12:00

Qualquer informação adicional sobre os horários de abertura do MRCO é informada no Facebook da instituição e/ou no site do Ibram. As visitas para grupos com mais de 15 membros devem ser agendadas preferencialmente por telefone.

Endereço: Praça Cristiano Ottoni, 72, Praia, Serro-MG

Telefone: +55 (38) 3541-1440

E-mail: mrco@museus.gov.br

Página na internet: [facebook.com/museucasados.ottoni](https://www.facebook.com/museucasados.ottoni)

www.museus.gov.br

PANORAMA
do Serro visto da varanda do MRCO.

OLHARES DOS VISITANTES

“O Museu está muito bem cuidado, tanto a construção quanto o paisagismo. Parabenizamos as funcionárias pela hospitalidade. E continuam cultivando a história.”

J. L., visitou em 14/02/13, retirado do livro de sugestões do MRCO

“Fiquei surpreendida com a beleza do local e com a preservação do prédio. Excelente atendimento dos funcionários.”

R. C., visitou em 28/12/13, retirado do livro de sugestões do MRCO

“Adoramos a visita guiada. Muito interessante! A conservação da casa, das peças e do jardim nos chamou atenção. Todos estão de parabéns pelo belo trabalho.”

L. M., visitou em 26/01/14, retirado do livro de sugestões do MRCO

“Gostei, ou melhor, gostamos muito! A cidade e as pessoas estão de parabéns pelo cuidado com os valores e relíquias locais, pela atenção e carinho dado ao visitante e pelo orgulho com o qual falam de suas histórias. Parabéns! Voltaremos com certeza!”

C. e G., retirado do livro de sugestões do MRCO

“O Museu é muito interessante e agradável. A equipe é gentil e atenciosa, além da história que encanta!”

M. C., visitou em 30/09/14, retirado do livro de sugestões do MRCO

“Amei a visita, aprendi muito, vou indicar o Museu para amigos. O passado deve ser preservado! Somos o resultado das escolhas que fazemos diariamente em nossas vidas! Parabéns pelo excelente Museu.”

I. C., retirado do livro de sugestões do MRCO

“Parabéns a toda a equipe! O Museu está super organizado, muito limpo e a visita guiada foi excelente! Valeu muito ter estado aqui!”

M.B., visitou em 27/10/17, retirado do livro de sugestões do MRCO

“Agradecemos a equipe do museu por uma viagem ao passado. Obrigada pela condução maravilhosa!”

R. O., visitou em 11/05/18, retirado do livro de sugestões do MRCO

“A CASA DOS OTTONI é uma ótima surpresa para aqueles que viajam até o SERRO. O acervo, a casa, tudo muito bem cuidado. As crianças são bem vindas e recebem um material gráfico - um jogo de tabuleiro - para disfrutarem a

visita. Ótima mediação.”

A. P. O., retirado do TripAdvisor

“Instalado em um casarão que pertenceu à família Otoni. Construção do século XVIII, de aparência simples, bem conservado e com um jardim muito bonito. Visita guiada e enriquecedora.”

V., retirado do TripAdvisor



NOSSA SENHORA
da Conceição.

Circuito Cultural do Diamante. Acervo: MRCO/Ibram/MinC.

VISITE TAMBÉM

PRAÇA JOÃO PINHEIRO

Ao visitar a praça central da cidade (Antigo Largo da Cavalhada), hoje praça João Pinheiro – que recebe esse nome em homenagem a esse ilustre serrano – podemos nos deparar com uma espetacular amostra do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade, com casarões típicos das vilas mineiras do período colonial. De um lado da praça, deparamo-nos com uma longa escadaria de pedra, no alto da qual encontra-se a Igreja de Santa Rita, erigida em meados do século XVIII, um belo símbolo da cidade e de onde tem-se uma visão panorâmica de toda a praça e de boa parte da cidade com suas belas montanhas ao fundo.



Acervo: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.

FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Orgulho dos serranos, esta é uma festa religiosa que ocorre desde o século XVIII, quando da criação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Com a participação dos grupos de Marujos, Caboclos e Catopês, todos bem caracterizados com suas vestes e instrumentos, simbolizando, respectivamente, os portugueses, os índios e os escravos negros trazidos da África, essa é uma autêntica manifestação de fé, tradição e cultura popular. Toda a cidade se mobiliza para a realização da festa que acontece no 1º final de semana de julho.



Paulo Barreto. Acervo: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.

CHÁCARA DO BARÃO

Construída na segunda metade do século XIX, sendo inicialmente residência do Minerador, agricultor e político Coronel Sebastião José Ferreira Rabelo (1823-1900). Posteriormente, foi a residência de seu irmão e genro, José Joaquim Ferreira Rabelo, influente político no norte

de Minas que, em 1879, recebeu do Imperador Dom Pedro II o título de Barão do Serro. Enorme construção em formato de “U” com janelas envidraçadas em estilo gótico e um pátio interno em pedra pé-de-moleque, esta edificação é repleta de peças em pedra sabão tanto em seu exterior quanto em seu interior.



Carlos Carrillo. Acervo: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.

ALÉM DA SEDE...

Toda riqueza histórica, cultural e natural também podem ser vista além da Sede. Os distritos de Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras e o povoado de Capivari, com seus belos campos rupestres e diversas cachoeiras, são locais propícios ao turismo ecológico. Milho Verde, lugar de nascimento da famosa Chica da Silva (entre 1731 e 1735),



IGREJA de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde.

Retirada do site <https://www.serro.mg.gov.br>

dista 19 km do Serro em via de asfalto. Situado em uma grande planície nos altos da Serra do Espinhaço, com suas ruas e becos gramados, aliados à hospitalidade de seu povo e seus encantos naturais fazem deste vilarejo um lugar encantador.

Distante 6km de Milho Verde, em estrada de terra sentido a Diamantina/MG, encontra-se o não menos apaixonante São Gonçalo do Rio das Pedras, com suas ruas desniveladas de pedra, combinadas a outras ruas e becos gramados. É também um refúgio no Alto Jequitinhonha, lugar ideal para desacelerar, ter um dedo de prosa com seus gentis moradores e saborear a interação com a natureza.

A aproximadamente 32km do Serro (carca de 12km de terra) está situado o povoado de Capivari. Seus lindos campos rupestres salpicados de sempre-vivas, flor típica da Ser-



Henry Yu. Acervo:Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.

CACHOEIRA
do Tempo Perdido (Capivari).

ra do Espinhaço, já podem ser vistos no percurso até esse povoado, que fica aos pés do Pico do Itambé (que tem 2052mts de altitude). O povoado é um dos locais de partida das expedições a esse imponente ponto culminante da Serra do Espinhaço no Alto Jequitinhonha. Ao redor do pico foi criado, em 1998, o Parque Estadual do Pico do Itambé, uma unidade de conservação na qual encontram-se várias nascentes e cursos d'água que formam as bacias dos rios Jequitinhonha e Doce.

Para mais informações sobre esses e outros atrativos turísticos, entrar em contato com a Secretaria de Cultura e Turismo de Serro pelo telefone (38)3541-2754.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Ao final da leitura, esperamos que o leitor tenha compreendido um pouco sobre esses capítulos da história mineira e brasileira de que o Museu Regional Casa dos Ottoni é testemunha. Ressaltamos, ainda, o papel cultural e histórico da instituição, exercido de forma ativa a cada visita mediada, a cada atividade desenvolvida, a cada dia em que o museu abre suas portas disposto a contribuir com a sociedade, transformando-a em protagonista de sua história.

Desejosos de que esta tenha sido uma leitura agradável, convidamos o leitor a se embriagar com essa atmosfera de cultura, história e aconchego proporcionada pela visita ao MRCO. Ao passear pelo jardim, ao fim dela, o som dos pássaros, a brisa no rosto e a arquitetura antiga se incumbirão de parar o tempo e proporcionar um momento de reflexão sobre passado, presente e futuro.

Visite, recomende e retorne outras vezes ao Museu Regional Casa dos Ottoni.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

FASSY, Marcela M. e OLIVEIRA, Ana Cláudia C. de. A política do SPHAN na década de 1940 e sua inserção na realidade patrimonial da atualidade: um estudo de caso. In: CORRÊA, B. C., GABRIELA, G. S.; LANARI, R. A. O.; LÉO, Fabiana; RODRIGUES, C. M.; SILVA, Paloma P.; SOUZA, Débora C. (Org.). II Encontro de Pesquisa em História, 2013, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: FAFICH, 2013.

FERREIRA, Laís Ottoni Barbosa. Os Ottoni: descendentes e colaterais. Rio de Janeiro: L.O.B. Ferreira, 1998.

MIRANDA, Aluizio Ribeiro de. Sêrro: três séculos de história. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1972.

NETO, Henrique Salomão. Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri: uma concessão de serviço público como forma de desenvolvimento de uma região Flávio Henrique Salomão Neto. Disponível em: <http://www.fenord.edu.br/revistaagua/revista2013/textos/artigo%2003.pdf>. Acesso em: 22/08/2018.

PAIVA, Eduardo França. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/bateiascamburestabuleirosmineracaoafricanaemesticagemnonovomundo.pdf> . Acesso em 20/08/2018. Acesso em: 20/08/2018.

SILVA, Dr. Dario A. F. da. Memória sobre o Serro antigo. 1928.

QUEIROZ, Maria da Graça Soto. Serro – MG. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2010.

Revista do Arquivo Público Mineiro. José Eloy Ottoni. V.14, p.481-490, 1909.

Sites:

<https://serromg.blogspot.com>

<https://pt.wikipedia.org>

<https://www.serro.mg.gov.br>

Essa publicação foi impressa no formato 140 x 140 mm, em Papel Offset 120 gr, capa em papel DuoDesign 250 gr impresso a 4/0 cores. O acabamento é dobrado, alçado, capeamento brochura colado PUR, BOPP fosco na capa, refilado. A tiragem é de 1.000 exemplares.

Endereço

Praça Cristiano Ottoni, 72, Praia
Serro-MG

Horários

Terça a sábado
das 10h às 18h
Domingos e feriados
das 8h às 12h

Telefone / Fax

(38) 3541-1440
mrc@museus.gov.br



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO
FEDERAL